



PRECONCEITO E SURDEZ: UMA ANÁLISE A PARTIR DO VIDEODOCUMENTÁRIO “SOU SURDA E NÃO SABIA!”, DE IGOR OCHRONOWICZ (2009)

Anderson Guilherme Correa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

Este estudo consiste em uma análise acerca de preconceitos experienciados e narrados pelos surdos na sociedade majoritariamente ouvinte. Com base nos teóricos dos Estudos Surdos, trata-se de uma discussão das manifestações de preconceito presentes no videodocumentário francês “Sou surda e não sabia!”, de Igor Ochronowicz (2009). Por este estudo pode se constatar que o surdo, costumeiramente, tem sido representado por diversos preconceitos e estereótipos, assim, tem sido tratado como doente, incapaz, com exclusão, privações e obstáculos sociais desde a infância e com imposições atreladas ao ouvintismo – protetização e oralização obrigatória, por exemplo. Destaca-se, pois, a necessidade de conscientização/sensibilização dos ouvintes no sentido de se estabelecer a inclusão dos surdos na sociedade.

Palavras-chave: Surdo; Preconceito; Sociedade.

ABSTRACT

This study consists of an analysis of the prejudices experienced and narrated by the deaf in the mostly hearing society. Based on the theorists of Deaf Studies, it is a discussion of the manifestations of prejudice present in the French video documentary “I am deaf and did not know!”, by Igor Ochronowicz (2009). From this study it can be seen that the deaf has usually been represented by various prejudices and stereotypes, thus, has been treated as sick, incapable, with exclusion, deprivation and social obstacles since childhood, and with impositions linked to listening – prosthetization, and mandatory oralization, for example. We highlight the need for awareness /sensitization of listeners in order to establish the inclusion of deaf people in society.

Keywords: Deaf; Prejudice; Society.

Anderson Guilherme Correa é acadêmico do curso de Letras da UFMS (Câmpus de Aquidauana).

E-mail: correandersonn@gmail.com



INTRODUÇÃO

O movimento político dos surdos tem como objetivo a conquista do reconhecimento, do respeito e da valorização da pessoa surda e da língua de sinais (LS). Isso implica uma série de reivindicações em variados contextos, como é o caso da luta contra a manifestação de preconceitos por eles sofridos.

Dessa maneira, a partir do videodocumentário francês “Sou surda e não sabia!”, de Igor Ochronowicz (2009), este estudo tem como intento apresentar uma análise acerca de preconceitos experienciados e narrados pelos surdos na sociedade majoritariamente ouvinte. Assim, do ponto de vista de teóricos dos Estudos Surdos, são aqui pontuadas algumas manifestações de preconceito no que concerne à concepção organicista, ao ouvintismo e à exclusão, bem como as principais consequências dessas manifestações e os prejuízos sofridos pelos surdos nos âmbitos das relações familiares e sociais, da educação escolar e do mercado de trabalho.

A importância deste estudo se alinha aos objetivos do movimento político dos surdos por se relacionar a sua luta pela redução, até mesmo superação, dos preconceitos históricos e sociais a eles direcionados.

1 PRECONCEITO E SURDEZ

Antes de discutir acerca do preconceito contra o surdo, cabe esclarecer que a concepção de surdez a que se pauta o presente artigo articula-se aos Estudos Surdos no sentido de reconhecer e de valorizar a pessoa surda e a LS.

Tomando como referência os estudos de Crochík (2006), o preconceito pode ser compreendido como idealização de valores de maneira antecédida – (pré)concepções – e distanciada da experiência, portanto, sem a

identificação com o outro, e constituído tanto pelo aspecto psíquico quanto pelo social.

O preconceito diz respeito a um mecanismo desenvolvido pelo indivíduo para poder se defender de ameaças imaginárias, e assim é um falseamento da realidade, que o indivíduo foi impedido de enxergar e que contém elementos que ele gostaria de ter para si, mas se vê obrigado a não ter; quanto maior o desejo de poder se identificar com a pessoa vítima do preconceito, mais esse tem de ser fortalecido (CROCHÍK, 2006, p. 22).

As determinações histórico-sociais, como a padronização e as estereotípias que não são inatas, mas sim, internalizadas como elemento de socialização – interiorização da cultura, muito colaboram para a constituição do preconceito nas suas diferentes formas de manifestação. Segundo Crochík (2006) e Crochík et al. (2013), algumas dessas manifestações se expressam pela discriminação – segregação e marginalização – nas formas de frieza, como a rejeição da existência do outro – projeção da própria fragilidade negada; de hostilidade, como as atitudes agressivas; e de compensação, como é o caso da benevolência exagerada para com o alvo.

Especificamente em relação aos surdos, tal discussão se relaciona às diferentes formas de manifestação de preconceito das quais são alvos, pois constituem um grupo minoritário e excluído.

A expressão deficiente auditivo, por exemplo, muito utilizada na referência às pessoas com surdez, remete à crença histórica e social da incapacidade. Contudo, como luta política, o termo **surdo** tem sido destacado como preferência pelo povo surdo. Além do significado de incapacidade atribuído ao termo deficiência, o seu significado original, ou seja, *déficit* ou ausência, alinha-se à concepção organicista – padronização/normalização – e, conseqüentemente, à negação da surdez. Assim, a representação negativa da surdez como patologia acarreta uma busca por



“tratamento/cura”. Tal perspectiva nega a diferença linguística e cultural do **ser surdo** e demanda práticas de “reabilitação” do ouvir e da fala oral como projeto de “correção” de um “desajuste social”. A definição da surdez pelo viés da deficiência advém de ouvintes que se pautam no discurso ouvintista. Trata-se de uma invenção dos ouvintes, pois grande parte dos surdos sinalizantes se posiciona de maneira contrária a esse discurso. Ademais, os ouvintes não podem expressar os desejos, os sentimentos, os pensamentos e as opiniões dos surdos, mas somente eles próprios (GESSER, 2009).

Conforme Skliar (1998 apud GUEDES, 2012, p. 22), o ouvintismo significa:

[...] Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.

Ocorre que, segundo Thoma (2012), a maioria das crianças surdas são de famílias ouvintes que desconhecem a surdez e a LS. O discurso empregado no diagnóstico, em boa parte dos casos, refere-se à lógica organicista, encarando a surdez como um “problema”. Por essa lógica, associada ao peso das estereotípias largamente difundidas na sociedade, os familiares seguem as orientações repassadas na confiança da dita “normalização”. O olhar volta-se exclusivamente para a integração individual com foco na fala oral, na leitura labial e na protetização em detrimento das outras potencialidades dos indivíduos e dos demais aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem. Gesser (2009) acrescenta que a dificuldade de aceitar e de conviver com a diferença leva à fácil aceitação desse processo, e isso tende a prejudicar as relações entre pais ouvintes e filhos surdos, além de outras várias consequências para os surdos.

Em contrapartida, Lopes (2007), Quadros (2008), Gesser (2009) e Thoma (2012) explicam que grande parte dos surdos relata que a imposição das práticas acima referidas lhes causa dor, sofrimento, limitação, frustração e opressão. Nesse sentido, empreendem movimento e luta por reconhecimento da surdez pelo viés socioantropológico – especificidades da pessoa surda para além da surdez – e pela valorização da LS.

A ideia de que a língua seja unicamente pelo canal oral-auditivo leva à desvalorização da LS, ao estabelecimento de uma série de preconceitos e à negação de que LS seja, de fato, uma língua. De acordo com Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2009), a LS é espontânea, emerge da interação entre os surdos e apresenta legitimidade linguística. Portanto, refere-se à língua verdadeira, completa, complexa, autônoma e independente.

A língua de sinais tem papel fundamental na constituição da identidade do surdo, fazendo-o reconhecer-se como parte integrante de uma comunidade e de uma cultura, além de colaborar no seu processo comunicativo e no seu desenvolvimento cognitivo [...]. Retomamos a afirmação de que a língua de sinais é um sistema linguístico natural de extrema importância para o indivíduo surdo que, portanto, necessita adquiri-la o mais cedo possível. Esse sistema linguístico, além de promover a inclusão do surdo no mundo social, é a marca maior de sua diferença cultural (FRONZA; MUCK, 2012, p. 89; 92-93).

Segundo as mesmas autoras, a LS não corresponde às diversas crenças existentes na sociedade, pelo contrário, consiste em um direito dos surdos. Como língua visual-espacial se torna extremamente apropriada para os surdos já que estes valorizam, sobremaneira, o sentido da visão. Quadros (2008) sinaliza acerca da fundamental importância de as crianças surdas terem contato com surdos e de aprenderem a LS desde pequenas para favorecer o seu processo de desenvolvimento.



Também ratifica a importância de seus pais aprenderem a LS:

Os pais ouvintes precisam descobrir este mundo essencialmente visual-espacial e conhecer a língua de sinais. As crianças surdas e seus pais ouvintes poderiam compartilhar o bilinguismo: língua portuguesa e língua de sinais brasileira e ir além, descobrindo os vieses das culturas e identidades que se entrecruzam (QUADROS, 2008, p. 31).

Assim, pais que veem seus filhos surdos como capazes, que reconhecem sua diferença linguística e que procuram aprender a LS, contribuem de modo substancial com seus filhos e com as relações familiares. É justamente nesse sentido que a luta e o movimento surdo se direcionam, não somente na aceitação dos surdos e da LS em seus lares, mas em toda a sociedade. Ademais, eles se mobilizam para reivindicarem, também, seus direitos e políticas de enfrentamento às imposições, ao preconceito, ao isolamento, à exclusão, à inacessibilidade, enfim, aos tantos obstáculos criados pela sociedade majoritária ouvinte (THOMA, 2012; GIORDANI, 2012).

Nesse contexto, a escola se configura como um importante espaço para se pensar essas questões. Fronza e Muck (2012) afirmam que, em muitos casos, é somente na escola que há a possibilidade de os surdos se encontrarem e, assim, assimilarem/desenvolverem a LS. Entretanto, há diferentes abordagens educacionais, por exemplo, a integração, o oralismo e a abordagem bilíngue.

Na integração, que está associada à lógica da “normalização”, alguns surdos são matriculados em escolas regulares sem nenhuma observação quando as suas especificidades linguísticas (LOPES, 2012).

O oralismo tinha (tem) como “premissa básica [...] fazer uma reabilitação do surdo em direção à ‘não surdez’ e aos padrões de normalidade preconizados pela sociedade”

(FRONZA; MUCK, 2012, p. 79), mas sem a devida preocupação com o processo de desenvolvimento da aprendizagem acadêmica, inclusive com a explícita proibição da LS e com práticas punitivas para aqueles que fossem pegos sinalizando.

No que concerne à abordagem bilíngue, Fronza e Muck (2012, p. 85) explanam:

Acreditamos que o bilinguismo seja a proposta de ensino mais adequada aos surdos, considerando, no entanto, que ela parta do reconhecimento da surdez como uma diferença cultural dos surdos [...] e do reconhecimento da língua de sinais como língua própria da comunidade surda a qual o sujeito pertence [e sendo considerada como essencial na constituição de sua identidade e da concepção de mundo]. Também é fundamental [...] que a educação bilíngue insira em seu currículo a língua de sinais e a escrita da língua portuguesa como segunda língua, incluindo métodos de ensino focados na característica visual e na cultura dos surdos.

Além da escola e da família, os surdos enfrentam barreiras nos demais espaços sociais. Especificamente quanto a sua profissionalização, também empreendem luta para poderem exercer as profissões que quiserem sem serem encarados como incapazes, a depender do posto laboral. Os surdos são totalmente capazes tal qual os ouvintes, mas é preciso que isso seja, de uma vez, compreendido pelos ouvintes para que possam ser respeitados em sua especificidade linguística.

2 ANÁLISES E DISCUSSÕES

“Sou surda e não sabia”, de Igor Ochronowicz (2009), é um videodocumentário protagonizado por Sandrine Hermanse, uma surda francesa que narra em Língua de Sinais da França (LSF) dificuldades por que passa(ou) em sua vida, principalmente decorrentes do preconceito. Nesse sentido, a seguir estão



algumas discussões presentes no videodocumentário em que a manifestação de preconceito pode ser observada. As análises de tais discussões estão estabelecidas em categorias: expressão deficiência auditiva; concepção organicista da surdez; relações familiares; educação escolar; mercado de trabalho; e exclusão.

2.1 EXPRESSÃO DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Logo no início do videodocumentário “Sou surda e não sabia”, de Igor Ochronowicz (2009), um professor universitário discorre criticamente sobre o uso recorrente da expressão deficiente auditivo e de suas consequências para os surdos. Conforme Gesser (2009), trata-se de uma forma pejorativa, visto que a carga semântica atribuída histórica e socialmente à expressão tem sido atrelada ao sentido preconceituoso de incapacidade.

Sandrine, como narradora presente do videodocumentário em questão, relata sua indignação em ser rotulada como deficiente. Diz que não se reconhece nele e ratifica a sua capacidade para ser ou fazer qualquer coisa que queira. Nessa esteira, declara, em LSF, o seu repúdio quando as pessoas tentam defini-la, por exemplo, como deficiente auditiva. Ela diz que, na verdade, somente ela própria pode se definir, então complementa enfaticamente: “*Eu me chamo Sandrine e minha língua é a dos sinais*”. Menciona que é o indivíduo surdo que, unicamente, pode se narrar e expressar seus pensamentos, sentimentos e anseios.

A narradora francesa explica que os ouvintes estabelecem obstáculos por toda a vida dos surdos, obstáculos esses que advêm de preconceitos e da crença de que sejam incapazes. Diz que os ouvintes decretam que, para os surdos, tudo é impossível. Sandrine diz recusar esse estereótipo, afirma que não é incapaz e que os ouvintes não podem pensar pelos surdos porque não estão no lugar deles.

Conta a sua experiência ao assistir a um teatro visual, todo sinalizado e com atores surdos e ouvintes, e reforça que a sociedade precisaria ser acessível e inclusiva tal qual acontece no teatro referido. Essa experiência a estimulou para construir uma identidade e autonomia, ser atriz e se expressar, com orgulho, em LSF.

Outro professor da área da educação analisa criticamente no videodocumentário que a visão da surdez, exclusivamente, pela deficiência auditiva em si, isto é, pela falta – *déficit* – e pela representatividade negativa da surdez leva a atitudes na família, na escola, enfim, na sociedade, que demandam um projeto histórico de reabilitação e normalização – ouvir e falar oralmente – decorrente de variadas motivações.

As análises e os relatos expostos até aqui expressam alguns dos preconceitos sofridos pelos surdos. Contrapondo-se a esses preconceitos, autores da concepção dos Estudos Surdos, como Lopes (2007), Quadros (2008) e Gesser (2009), esclarecem acerca da importância do reconhecimento do ser surdo em sua diferença linguística e da valorização da pessoa em suas especificidades e potencialidades para além da surdez.

Em outro momento de sua narração, Sandrine relata que desde criança as pessoas expressam atitudes de pena por ela ser surda. A manifestação de pena remete ao preconceito do tipo compensação (CROCHÍK, 2006) pautado, mais uma vez, na ideia equivocada de incapacidade como sentido atribuído à deficiência.

2.2 CONCEPÇÃO ORGANICISTA DA SURDEZ

Um profissional da área da saúde analisa criticamente no videodocumentário o diagnóstico precoce da surdez, diferenciando-a da fenilcetonúria, que, sim, precisa ser diagnosticada com antecedência; e a concepção de surdez como doença que poderia ser tratada/curada. Menciona que profissionais da



saúde informam os pais com o uso da expressão problema auditivo, discursando que podem tratar/curar, por exemplo, com o implante, e prometendo que o filho não será mais surdo. Diz que os pais depositam total confiança nesse discurso e, assim, a surdez acaba sendo totalmente negada.

Outro profissional, agora da área da educação, também analisa criticamente o diagnóstico precoce da surdez atrelado a uma *“idealização sonora que só concebe a fala e a linguagem pelo veículo sonoro”*. Diz que, para os que pensam assim, *“ser acometido de surdez significa ser privado da fala e da linguagem, é uma doença”*, mas, para ele, este *“é um conceito completamente abusivo e parcial”*. Continua dizendo que a criança é capaz de se comunicar pelo canal visual-espacial com plenas condições de se expressar e de se desenvolver. Segundo ele, os surdos jamais podem ser compreendidos como deficientes da linguagem porque *“a fala não depende apenas no veículo sonoro”*. O mesmo profissional complementa que tem sido oferecido aos pais um tratamento para a integração individual sem a LS, e que a maioria adere a ele pelo modo como a surdez é apresentada a eles no momento do diagnóstico. Conforme suas explicações, a LS tem sido negada em função da imposição da Língua Oral (LO) e de um processo de socialização esperado.

Como visto, ambos os profissionais concordam que a visão de surdez pelo viés organicista, com foco no ouvir e no oralizar, demanda preconceito do tipo negação, não somente da surdez, mas do próprio surdo. Isso tem afetado a vida de muitos surdos no âmbito das relações familiares, da educação escolar, do mercado de trabalho, enfim, tem estabelecido barreiras em todas as situações e contextos de suas vidas. Em consonância com Gesser (2009), a promessa de tratamento/cura e o discurso da normalização são facilmente aceitos diante da dificuldade de aceitar e de conviver com a diferença ou por outras motivações.

Segundo a autora, muitos surdos militam contra a concepção de surdez como problema ou doença e enfatizam que a socialização pode ser estabelecida por meio do reconhecimento como diferentes, especialmente no aspecto linguístico. A autora afirma, também, que a consideração de que a surdez seja um problema é uma construção dos ouvintes.

No que se refere à fala e à linguagem, Quadros e Karnopp (2004) explicam que a LS está devidamente legitimada cientificamente e legalmente. Desse modo, a concepção de língua não pode ser exclusivamente pela modalidade fonoauditiva, pois essa visão tanto reflete a supervalorização da LO em detrimento da LS quanto a manifestação do preconceito contra a LS, reduzindo-a a uma forma de linguagem mais simples do que uma língua verdadeira. Assim, o movimento político do surdo tem, também, como objetivo, o reconhecimento social de sua língua como meio principal de comunicação e de apreensão de conhecimento. Essa discussão remete ao que explica Gesser (2009) acerca da imposição da oralização e da protetização: os surdos relatam que a imposição desses processos não faz sentido, traz dores, frustrações, atrasos e desconfortos.

Os relatos de Sandrine ilustram essa discussão quando ela diz que, depois do diagnóstico da surdez, passou a frequentar o hospital constantemente – *“o hospital se tornou meu segundo lar”* –, mesmo sem se sentir doente, mas que depois compreendeu que, na verdade, era vista somente *“como um ouvido, um enorme ouvido, um ouvido ambulante”*. Ela menciona que não é apenas o/um ouvido e explica que, quando criança, conectava-se e apreendia o mundo através dos sentidos preservados. Relata, também, que depois da escola sempre era levada a diversos lugares para reeducação. Ia à fonoaudióloga, mas esta não sabia nada sobre ela e não a ensinou nada. Ia a uma psicóloga, que só a mandava brincar. Diz que em um dia específico foi levada a uma pessoa que lhe deu um aparelho auditivo. Ao



colocar em seus ouvidos, Sandrine conta que foi como um choque no cérebro, como um golpe que a deixou zozna, como se o corpo se despedaçasse por inteiro: *“ouvi barulhos, mas que não faziam o menor sentido. [...] Então, eu podia, ou não, usar os aparelhos, não mudava nada”*.

Ainda tomando como base os depoimentos de Sandrine a respeito da concepção organicista e de suas consequências para a sua vida, a narradora lembra que quando criança foi ensinada somente a falar oralmente em detrimento de conhecimentos acadêmicos, diz que se sentia como se fosse reduzida apenas a sua boca, como se o resto não existisse – *“só existia a minha boca, a reeducação interminável durante toda a minha infância”* –, pois todos os adultos a sua volta estavam centrados nela. Diz que, por mais que se esforçasse, pois era a única meta desses adultos, não podia falar como eles. Nesse sentido, ela relata que cresceu em dois mundos diferentes: pela LO na família e na escola; e pela LSF com seus amigos. Pela LO, que lhe era imposta, sentia-se limitada e frustrada; pela LSF, sentia-se livre e podia expressar tudo. Esclarece, enfaticamente, que, na adolescência, como resistência contra as imposições sofridas até aquele momento, rebelou-se e não utilizou mais a LO, rejeitou-a e determinou a sua escolha pela LSF.

Emmanuelle Laborit, atriz surda francesa, explica no videodocumentário que os pais não devem/podem escolher por seus filhos surdos entre LSF, LO, protetização e implantes, pois diz que a LSF é vital, necessária, reconhecida e valorosa, *“é um direito para a construção identitária de seu filho”*. Comenta que o discurso que chega aos pais é repleto de crenças e de equívocos recorrentes como o que diz que a LSF impede a aquisição da LO, quando é ao contrário, pois a LSF *“é uma porta para o mundo e permite crescer sobre bases sólidas”*.

Os depoimentos de Sandrine e de Laborit se assemelham a de muitos surdos (GESSER,

2009). Segundo seus próprios relatos, a LS é considerada extremamente valorosa, pois trata-se de um direito que confere aos surdos liberdade, completude e vitalidade que a LO não costuma favorecer. Somados a esse aspecto, os demais sentidos preservados, em especial a visão, possibilitam a eles a construção de identidade.

2.3 RELAÇÕES FAMILIARES

Diante das discussões dos itens anteriores, nota-se que os surdos têm enfrentado obstáculos nos diferentes contextos e relações, inclusive no aspecto familiar. Nesse sentido, o presente item objetiva discutir acerca das relações familiares de Sandrine e de outros surdos apresentados no videodocumentário.

Sandrine relata que nasceu em uma família de ouvintes, como a maioria dos surdos, e que não sabia que era surda. Menciona que assimilava tudo pela visão, olfato e tato e que isso lhe possibilitava estabelecer uma ligação afetiva e uma relação harmoniosa com os pais. Contudo, questiona acerca do porquê da necessidade do diagnóstico da surdez tão precocemente, pois diz que depois do diagnóstico a relação harmoniosa com seus pais se desfez, que eles demonstravam estar arrasados e muito chateados, e que a relação passou a ser fria e distante. Para ilustrar, há uma cena em que a mãe de Sandrine, ainda criança, fala oralmente com voz e feição agressivas para que ela coma o que está no prato, então a menina, que já aparenta tristeza, toma a atitude de fechar os olhos e de mantê-los fechados por algum tempo.

A narradora lembra que quando criança se sentia transparente, invisível, distante e excluída em seu próprio lar. Mas na casa de sua amiga surda chamada Mathilde – a quem conheceu em uma escola com abordagem oralista, onde ambas estavam matriculadas – teve contato, também, com seus pais surdos e autônomos. Identificou-se, então, com surdos adultos e



percebeu que tudo lhe era possível. Narra que, finalmente, pôde se sentir livre e revigorada para sinalizar sem se intimidar, como ocorria em sua própria casa. Cabe esclarecer que Sandrine aprendeu LSF somente aos nove anos de idade e que Mathilde e seus pais foram os primeiros surdos com quem teve contato.

O videodocumentário mostra cenas em uma escola com abordagem oralista, que apresenta uma criança surda chamada Jerrilyn. Em outra cena, a mãe de Jerrilyn oraliza com sua filha sobre o seu rendimento escolar, impõe que ela seja a melhor da classe e reclama porque a menina não foi aprovada no ano anterior dizendo que *“não poderá cometer o mesmo erro neste ano”*. A mãe de Jerrilyn faz um relato emocionado que depois do diagnóstico da surdez de sua filha *“veio a fase mais difícil”*. Diz que pedia perdão constantemente por ter lhe *“dado essa malformação”*. Culpa-se *“por ter falhado”*. Relata que as pessoas consideram a fala oral um instrumento necessário para adquirir uma profissão interessante e que por isso acredita que sua filha precisa se esforçar para poder falar oralmente com as outras pessoas, acredita ser esta a única solução para Jerrilyn.

O videodocumentário mostra cenas em uma escola com abordagem bilíngue, onde se apresenta um menino surdo chamado Paul. A mãe de Paul explica que *“a sociedade mostra os surdos como deficientes”*, mas ela diz não considerar a surdez como uma deficiência – *“Paul não se sente deficiente”* –, e diz não gostar quando as pessoas demonstram pena dela ou de seu filho: *“não sou coitada, meu filho vai bem. Ele só tem uma pequena diferença. [...] Ele tem sua língua, está indo bem”*. Complementa, satisfeita, sobre a importância de ter uma comunicação direta com o seu filho surdo por meio da LSF – reforça que se trata de uma língua – da mesma maneira que se comunica com seu filho ouvinte pela oralidade.

Tais relatos apontam que as formas diferenciadas com que os pais ouvintes se relacionam com seus filhos surdos e os educam têm base na concepção de surdez na qual se pautam. Ver o filho como um deficiente ou doente – a partir da concepção organicista e normalizadora – poderá culminar em atitudes de preconceito do tipo superproteção, frieza ou, até mesmo, hostilidade. Essas atitudes estabelecem grande peso e sofrimento para todos – pais e filhos – atrasando e prejudicando, sobremaneira, as crianças surdas em seu desenvolvimento e podendo afetar, inclusive, a comunicação e as relações familiares. Em contrapartida, pais que buscam e valorizam a LS e que reconhecem seus filhos surdos tão potencialmente capazes quanto os ouvintes estabelecem a leveza para si e para seus filhos, a harmonia nas relações e o estímulo necessário para que os surdos possam se desenvolver tranquilamente.

Quadros (2008) esclarece sobre a extrema relevância de pais ouvintes reconhecerem a LS para estabelecerem relação direta com seus filhos surdos, para que estes não sejam excluídos dentro de seus próprios lares e para que não fiquem aquém no processo de socialização e de desenvolvimento. Para isso, a autora menciona a importância do acesso dos surdos à LS logo na tenra infância, de modo que esta seja a sua primeira língua.

2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR

Segundo Fronza e Muck (2012), a educação escolar dos surdos refere-se a um dos contextos sociais de maior importância, pois, na maioria dos casos, é somente na escola que eles têm contato com outros surdos e com a LS. Contudo, a educação de surdos perpassou (e ainda perpassa) diferentes abordagens, de modo que as destacadas são a integração, o oralismo e a abordagem bilíngue. No videodocumentário em estudo, há relatos das referidas abordagens.



Sandrine narra que quando criança foi a única aluna surda de uma escola integrada. Segundo ela, não houve nenhum aprendizado nessa escola pela exclusão sofrida e pela ausência da LS. Em uma das cenas, ela está na sala de aula isolada e alheia a tudo o que se passa, pois a professora ministra a aula inteiramente em francês oral. A narradora conta, também, que se sentia diferente, imaginava que era de outro planeta e que seus iguais iriam buscá-la em algum dia. Sentia-se perdida nessa escola, invisível, como se não existisse. Como forma de ilustração, há uma cena em que Sandrine está encostada na parede de um corredor, solitária, quando passa um grupo de meninas ouvintes que a ignora. Ela caminha logo atrás das alunas.

A abordagem integrada consiste na frequência de crianças com surdez em escolas regulares sem atenção a aspectos de inclusão e de acessibilidade linguística. A integração associa-se à normalização exigindo demandas individuais – do próprio surdo – para tal (LOPES, 2012).

Sandrine relata que sua formação na escola integrada foi um fracasso. Foi então matriculada, com nove anos, em uma instituição especializada para surdos – Centro de Tratamento da Audição e da Fala – que tinha como objetivo a reeducação da fala oral com a proibição da LSF – *“batiam nas nossas mãos para nos lembrar”*. Contudo, diz que essa escola foi boa para ela porque foi onde teve o primeiro contato com os surdos – *“eu encontrara meus iguais [...], pela primeira vez tinha uma amiga, Mathilde”* – e com a LSF – *“fazíamos sinais escondidos”* –, então não se sentia mais solitária nem temerosa e diz que pôde ampliar a sua visão de mundo.

A abordagem oralista, que teve força por longo período, especialmente nos séculos XIX e XX, instaurou-se nas escolas para surdos em todo o mundo e tinha como foco exclusivo o ensino da fala oral e a protetização auditiva.

Portanto, a LS foi totalmente proibida nesse período, com duras represálias para quem descumprisse tal ordem. “A premissa básica do oralismo era fazer uma reabilitação do surdo em direção à ‘não surdez’ e aos padrões de normalidade preconizados pela sociedade” (FRONZA; MUCK, 2012, p. 79).

No videodocumentário, um professor surdo de uma escola bilíngue compara a sua época escolar, ou seja, o período oralista, com a atual educação de surdos. Diz que na sua época não havia valorização da instrução pela LSF e, muito menos, da atuação de professores surdos, o que pode contribuir para que os alunos surdos se identifiquem.

Nesse contexto, Sandrine relata que não teve a sorte de estudar em uma escola bilíngue e que, como aconteceu com a maioria dos surdos a quem a LS foi proibida por séculos, foi privada da LSF até os nove anos de idade. Diz que a LS não é, como dizem, um entrave para as outras aprendizagens, pelo contrário deve ser o meio principal de comunicação, de instrução, de aquisição de conhecimentos e de assimilação do mundo.

Conforme Lopes (2012, p. 99), na abordagem bilíngue, a LS:

[...] Precisa ter papel de destaque na educação de surdos, pois ela é fundamental na constituição da identidade desses sujeitos, [...], é um elemento mediador entre os surdos e o meio social em que vivem, através do qual demonstram suas capacidades de interpretação do mundo. A língua portuguesa, na modalidade escrita, deve ser inserida no currículo bilíngue como segunda língua dos surdos, incluindo, assim, métodos de ensino focados na sua característica visual e na sua cultura.

Assim, na abordagem bilíngue, prevalece a pessoa surda em todas as suas potencialidades, como pertencente a um grupo linguístico minoritário.



2.5 MERCADO DE TRABALHO

Além dos preconceitos apresentados nas análises acima, o videodocumentário em estudo aponta atitudes de preconceito contra surdo, também, no mercado de trabalho. Desse modo, os surdos sofrem barreiras atreladas à ideia equivocada de incapacidade.

Para exemplificar, há uma cena em que Sandrine, já na juventude, está acompanhando um amigo surdo em uma loja de roupas. Ao questioná-lo sobre como consegue dinheiro para as compras, o amigo responde que recebe o PAD – Pensão para Adultos Deficientes – do Estado. A jovem demonstra intenso repúdio porque não se vê como uma deficiente.

Em outra cena, em uma aula de orientação profissional, o professor oraliza para a jovem Sandrine, para Mathilde e para outro amigo surdo, questionando sobre em que pretendem se profissionalizar. O rapaz diz querer ser engenheiro de aviação, e as moças, atrizes. O professor enfatiza que o rapaz não pode ter tal profissão porque tem que ser bom em Matemática e em Física, e complementa dizendo que é muito difícil para um surdo. Às moças ele diz que seria difícil serem atrizes porque precisariam falar oralmente. Os três surdos demonstram tristeza e indignação.

Emmanuelle Laborit, atriz surda francesa, diz no videodocumentário que quer ser considerada como profissional e não como uma surda que, incrivelmente, consegue fazer uma peça teatral, como se os surdos não fossem capazes de nada e que, quando conseguem, são considerados incríveis. Diz que sua luta representa a de todos os surdos pelo orgulho surdo.

Eles podem se profissionalizar em qualquer área de atuação que desejarem. Mas, para isso, costumam enfrentar muitas barreiras, já que a sociedade reproduz o estereótipo da incapacidade pelo coitadismo, mantém os padrões de perfis para determinados postos de trabalho em que não aceitam os surdos e insiste

em oferecer a eles os postos mais baixos da hierarquia do trabalho. Quando os surdos atravessam toda essa barreira do preconceito e conquistam seus títulos de doutores ou postos mais elevados da hierarquia, acabam sofrendo outro tipo de preconceito, por serem considerados extraordinários.

2.6 EXCLUSÃO

A exclusão dos surdos tem sido um enfrentamento histórico demandado pela organização social que, por seu lado, pauta-se na lógica da padronização/normalização. “Entender a surdez e os surdos a partir da diferença significa uma inversão do olhar da exclusão pelo isolamento no mundo do silêncio, passando a entender [e ressignificar] a surdez como uma experiência e uma representação visual” (GIORDANI, 2012, p. 44).

Nesse sentido, conforme Thoma (2012), os surdos se organizam em associações e manifestações para lutarem politicamente pela inclusão social. Uma das cenas do videodocumentário “Sou surda e não sabia” apresenta, no Dia Mundial dos Surdos, uma grande manifestação organizada pela Federação Mundial de Surdos (FMS) com o objetivo de reivindicar por direitos: LS, educação, acesso à informação, entre outros. Um surdo militante da FMS faz um paralelo entre os processos de dominação do povo surdo e do povo indígena: em ambas as situações, há uma manipulação no discurso social pela imposição cultural e linguística e, conseqüentemente, um apagamento da cultura e da língua desses povos. Comenta que a militância dos surdos deve ir na direção de não deixar desaparecer a LS, obviamente respeitando quem prefere a LO, mas diz que a LS não pode ser proibida e sim preservada, pois, segundo ele, “*vale ouro*”.

Outras cenas apresentam situações de exclusão e de preconceito, como quando Sandrine, já adulta, está em um trem em movimento e recebe/atende a uma



videochamada de Mathilde. As pessoas em volta esboçam reações como estranheza e deboche ao vê-la conversando com a amiga em LSF. Em outro momento, Sandrine e Mathilde, adultas, estão presas em um elevador. A intenção desta cena consiste, justamente, em representar os diversos obstáculos sofridos pelos surdos, principalmente o preconceito, o isolamento, a exclusão e a falta de acessibilidade.

Diante de todo o preconceito e de tantos contextos excludentes que vem sofrendo ao longo de sua vida, Sandrine desabafa e adverte: *“muitas vezes sentimos bloqueios. Alguns surdos os vencem e avançam apesar de tudo. Nós os interpelamos, vamos em direção a vocês. Mas quem se recusa a ouvir? Quem é indiferente? Somos nós? Não, acho que não. Será que não são vocês os surdos? Eu consegui abrir meu caminho e posso dizer como. Foi graças ao ativismo. Como muitos surdos, lutei para dizer que eu existia, para que nos reconhecessem e que os surdos fizessem parte da sociedade. Tenho amigos ouvintes com quem tenho ótimas conversas. E nós nos respeitamos. Mas os outros ouvintes se fecham logo que me veem. Eu os deixo onde estão e continuo avançando. Nós queremos que todos vivam juntos porque é possível. Não digam que a Terra é dividida em dois. Não é verdade. [...] Todos os dias nascem surdos. Os surdos estão por toda parte. ‘Mas nós não os vemos’. Eu cresci em meio a obrigações [...] de falar, de me integrar, de me adaptar, eram obrigações sem fim. E quais eram meus direitos? Muito poucos. Queremos participar da sociedade, ser como os outros, mas não é assim. Por isso tentamos conquistar esse lugar em vão. Então ficamos juntos, e nos acusam de formar guetos?! O que vocês querem? O que têm a nos propor? Querem que vamos para outro planeta? É isso? Nós queremos viver juntos, e isso é possível. Então, por favor, aceitem-nos tal como somos: SURDOS”.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta diária dos surdos, como pelo enfrentamento dos diversos obstáculos estabelecidos na sociedade e para conquistarem reconhecimento, não tem sido uma tarefa fácil. Os preconceitos, os estereótipos e as privações sofridas provocam, e com razão, muita indignação, especialmente ao serem rotulados como deficientes e incapazes. Suas atitudes políticas evidenciam que, enquanto os surdos se mobilizam para mostrarem que são potencialmente capazes, que desejam conviver em sociedade, que têm uma língua para se comunicar e que não se privam de fazer qualquer coisa que queiram, por seu lado, a sociedade majoritária ouvinte se direciona na contramão, pois os ouvintes costumam discriminá-los e promover delimitação para as suas ações, tendo como base a concepção da incapacidade. Esse estereótipo refere-se, notadamente, a uma construção de ouvintes que encaram a surdez como “problema”, mas este o é para a sociedade e não, necessariamente, para o surdo. Nessa perspectiva, há o discurso do “tratamento/cura” da surdez, como se fosse uma “patologia”. Ele tem sido muito aceito pelas famílias e por grande parte da sociedade. Desse modo, a surdez é negada em face da “padronização/normalização”, isto é, do ouvir e do falar oralmente.

Conforme pôde ser observado neste estudo, a ausência de conhecimento e/ou o peso do preconceito estabelecido na sociedade podem gerar nas famílias ouvintes com filhos surdos atitudes prejudiciais, como o excesso de zelo, a frieza ou até mesmo a hostilidade. Além disso, tais atitudes acabam por atrapalhar o desenvolvimento da criança surda. Por outro lado, as famílias que buscam reconhecer as especificidades linguísticas – LS – e as potencialidades de seus filhos surdos tendem a contribuir, imensamente, com o seu desenvolvimento afetivo, social, cognitivo, enfim, integral.



Na sociedade prevalecem inúmeros estereótipos em relação aos surdos e à LS. Há, por exemplo, a crença nociva de que a LO seja essencial para os surdos de um modo geral. Por esse motivo a LS foi (ainda é, em situações específicas), por diversas vezes, banida dos processos de escolarização, pois havia (ainda há) a ideia de que influenciava negativamente no processo de “padronização/normalização”.

Contudo, é através da LS que os surdos podem ser autônomos e, verdadeiramente, desenvolver-se integralmente. Dessa forma, a LS apresenta legitimidade linguística sendo, então, fundamental no processo de instrução escolar. Nesse contexto, verifica-se que a abordagem bilíngue seja a mais apropriada, pois não se pauta na surdez em si, mas sim, na valorização da pessoa surda em suas diferenças, em especial, na sua língua.

Este estudo mostra que os obstáculos enfrentados pelos surdos não cessam quando estes se tornam adultos. Eles continuam sofrendo privações até mesmo no mercado de trabalho, por serem rotulados de incapazes de exercer determinadas profissões. Quando o surdo conquista um título acadêmico ou um cargo elevado tende a ser, novamente, estereotipado, e desta vez, com o rótulo de “extraordinário”.

As barreiras sociais, os preconceitos e os estereótipos sofridos pelos surdos são históricos e se perpetuam até os dias atuais. A luta pelo reconhecimento do surdo e de sua LS, mesmo com tantos avanços, ainda tem um longo caminho a percorrer. Destaca-se, pelos relatos do videodocumentário e pelos teóricos que fundamentaram este estudo, a necessidade de conscientização/sensibilização dos ouvintes no sentido de se estabelecer, de fato, a inclusão dos surdos na sociedade. Como diz Sandrine: “Então, por favor, aceitem-nos tal como somos: SURDOS”.

REFERÊNCIAS

CROCHÍK, José Leon et al. **Inclusão e discriminação na educação escolar**. Campinas: Alínea, 2013.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FRONZA, Cátia; MUCK, Gisele. Usando as chaves dos conceitos sobre concepções quanto ao ensino e à aprendizagem de língua por surdos. In: LOPES, Maura. (Org.). **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 78-107.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIORDANI, Liliane. Educação de surdos: práticas de letramento e de significação. In: LOPES, Maura. (Org.). **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 108-137.

GUEDES, Betina. Educação de surdos: percursos históricos. In: LOPES, Maura (Org.). **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 11-27.

LOPES, Maura. Escola bilíngue para surdos. In: LOPES, Maura (Org.). **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 235-251.

LOPES, Maura. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

QUADROS, Ronice. O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 27-37.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



SOU surda e não sabia. Direção de Igor Ochronowicz. França: Point du Jour Production, 2009. (1h 09min 26s). Disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc
c. Acesso em: 04 jun. 2019.

THOMA, Adriana. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: LOPES, Maura (Org.). **Cultura surda e Libras**. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 154-180.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

CORREA, A. G. Preconceito e surdez: uma análise a partir do videodocumentário “Sou surda e não sabia!”, de Igor Ochronowicz (2009). **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 20-32, 2020.